

## TERAPIAS ALTERNATIVAS COMPLEMENTARES: UMA VISÃO DO CONHECIMENTO DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

Rejane Ospedal Salomão Gavin\*  
Maria Helena Pessini de Oliveira\*\*  
Edilaine Cristina da Silva Gherardi-Donato\*\*\*

### RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo identificar o conhecimento dos acadêmicos de enfermagem sobre o uso, pelo enfermeiro, das Terapias Alternativas Complementares (TACs), particularmente da acupuntura, bem como as informações obtidas ao longo do seu curso de graduação em enfermagem. É um estudo descritivo e exploratório-prospectivo e foi realizado com acadêmicos de enfermagem de uma universidade privada do Interior Paulista em 2007. Foram entrevistados 106 acadêmicos. Para a obtenção dos dados utilizou-se um instrumento que continha dados sociodemográficos, dados sobre conhecimento formal e informal, fonte das informações e a legalidade do uso, pelo enfermeiro, das TACs, particularmente da acupuntura. A análise das respostas foi realizada através de frequência simples. Os dados revelaram que 72,01% eram do sexo feminino, que 67,90% tinham idade de 18 a 25 anos e que a maioria já tinha conhecimento da existência das TACs, principalmente da acupuntura (34,04%). Com relação ao conhecimento dos acadêmicos sobre qual TAC pode ser utilizada legalmente pelo enfermeiro, os entrevistados referiram toque terapêutico e acupuntura (15,76%) e massoterapia (11,05%). Os dados apontaram que as TACs são pouco abordadas no curso de graduação em enfermagem, que o conhecimento dos acadêmicos é obtido pelo senso comum e que a maioria desconhece o respaldo legal do Conselho Federal de Enfermagem.

**Palavras-chave:** Terapias Alternativas. Enfermagem. Currículo.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos vem-se verificando no Brasil um crescente interesse pela utilização de métodos naturais de terapias alternativas complementares (TACs) para o controle de doenças e o restabelecimento do equilíbrio do organismo humano. Estudos sobre procedimentos terapêuticos complementares no contexto de enfermagem são particularmente tímidos.

O relatório final da 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, trouxe pela primeira vez a proposta de introduzir nos serviços de saúde as práticas alternativas de assistência à saúde, possibilitando ao usuário o direito democrático de escolher a terapêutica preferida<sup>(1)</sup>.

As terapias alternativas vêm merecendo destaque nos últimos anos por parte dos profissionais que atuam nos serviços de saúde, os quais aplicam essas técnicas aos usuários. Neste contexto o enfermeiro exerce papel

fundamental, uma vez que está em contato direto com a população, assim tem a oportunidade de orientá-la e esclarecê-la quanto ao uso das práticas naturais.

Terapias alternativas complementares são técnicas que visam à assistência à saúde do indivíduo - tanto na prevenção quanto no tratamento e cura - considerando a mente, o corpo e o espírito como um conjunto, e não como partes isoladas<sup>(2)</sup>.

Atualmente o termo se caracteriza por uma grande polissemia, designando qualquer forma de cura que não seja propriamente biomédica<sup>(3)</sup>. O paradigma emergente das terapias alternativas complementares evita tratar de forma isolada o processo saúde-doença, atentando para a integralidade, devendo o indivíduo ser tratado de forma holística.

As práticas não convencionais de saúde continuam sendo adotadas pela população, apesar de serem rejeitadas pela medicina tradicional, tanto que, antes de procurar por um serviço de saúde, a maioria dos usuários utiliza

\* Enfermeira e Acupunturista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. E-mail: rejanegavin@yahoo.com.br

\*\* Enfermeira. Professora Titular do Curso de Enfermagem da Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP. E-mail: mhelenapessini@hotmail.com

\*\*\* Enfermeira. Doutora. Professora da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto Universidade de São Paulo. E-mail: nane@eerp.usp.br

recursos de terapia complementar para o alívio do sofrimento<sup>(4)</sup>.

A acupuntura é um conjunto de conhecimentos teórico-empíricos da medicina tradicional chinesa aplicados na terapia e cura das doenças através da aplicação de agulhas de aço, as quais são inseridas em pontos específicos do corpo que correspondem aos órgãos e vísceras visados e aos distúrbios com eles relacionados. Esse método utiliza estímulos precisos de locais anatômicos definidos por meio de inserção de agulhas filiformes metálicas para promoção, manutenção e recuperação da saúde e para a prevenção de agravos e doenças<sup>(5)</sup>. É uma técnica de assistência à saúde que aborda de modo integral, ou seja, holístico, o processo saúde-doença do ser humano.

A acupuntura se propõe dar equilíbrio ao organismo, o que melhora a circulação sanguínea e equilibra o sistema imunológico e as emoções, e assim, reduz a necessidade de medicamentos e aumenta a eficácia terapêutica<sup>(6)</sup>.

A questão da regulamentação da acupuntura no Brasil caracteriza-se pelo embate entre duas forças antagônicas. A primeira é o *lobby* liderado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), que postula a acupuntura como uma especialidade médica, e como tal, só pode ser exercida por médicos. No lado oposto desse *lobby* existem diversas categorias profissionais que lutam por um modelo de regulamentação multiprofissional. São os fisioterapeutas, enfermeiros, psicólogos, entre outros profissionais da saúde.

Apesar de o Conselho Federal de Medicina (CFM) defender a tese de que a acupuntura é somente uma especialidade médica, não há legislação federal que impeça outros profissionais de trabalhar com agulhas, desde que tenham formação técnica na área.

Além da Associação Médica Brasileira, os conselhos federais de Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Enfermagem, Psicologia, Biomedicina, Fonoaudiologia, Farmácia e Educação Física reconhecem a acupuntura como um especialidade de suas respectivas áreas e possuem suas próprias resoluções e regulamentações internas.

Com a globalização, a enfermagem ocidental incorporou o modelo integral de cuidado

essencial das culturas orientais, possivelmente também pelos limites de terapêutica da ciência biológica<sup>(7)</sup>.

Tradicionalmente, a prática de Enfermagem está baseada no conhecimento científico e apresenta características específicas na área da saúde. É considerada uma ciência e, como tal, o profissional enfermeiro tem competência para atuar nas diferentes terapias alternativas, inclusive na acupuntura.

Atualmente os profissionais de Enfermagem procuram novos campos e espaços de atuação, bem como novas abordagens. Assim, a acupuntura tem sido utilizada pelos enfermeiros na atenção à saúde, visando os aspectos biopsicossocioespirituais na promoção, prevenção e recuperação da saúde<sup>(8)</sup>. O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) reconhece a Acupuntura como uma especialidade do enfermeiro.

A atuação do enfermeiro se amplia com a técnica da acupuntura, gerando bem-estar, auxílio e prevenção de problemas de saúde.

O enfermeiro está em contato direto e mais prolongado com a população, tendo a oportunidade de educá-la e esclarecê-la quanto ao uso (benefício ou não) dessas técnicas, seja em hospitais ou centros de saúde seja junto à comunidade; portanto o enfermeiro desempenha papel essencial nesse contexto<sup>(2)</sup>.

O Sistema Único de Saúde (SUS), em 09/05/2006, implementou as TACs nos postos de saúde com o objetivo de garantir a prevenção de agravos, a promoção e a recuperação da saúde, com ênfase na atenção básica, e propôs a assistência continuada, humanizada e integral em saúde, contribuindo para o aumento da resolutividade do sistema<sup>(9)</sup>.

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) estabelece e reconhece as terapias alternativas como de especialidade e/ou qualificação do profissional de enfermagem, através da Resolução COFEN-197/1997<sup>(10)</sup>.

Nesta perspectiva, surge o questionamento sobre a inclusão dessa temática dentro na formação do profissional de enfermagem. Assim, o presente estudo propõe-se investigar o conhecimento dos acadêmicos de enfermagem sobre o uso, pelo enfermeiro, das TACs particularmente da acupuntura, bem como as informações obtidas no decorrer do seu curso de

graduação em Enfermagem.

## METODOLOGIA

O presente trabalho consiste de um estudo descritivo e exploratório-prospectivo sobre o conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito do uso das TACs, em particular da acupuntura, pelo enfermeiro, e sobre as informações obtidas no decorrer do seu curso de graduação em Enfermagem.

A pesquisa exploratória possibilita maior familiaridade com a questão em estudo, o qual se torna mais explícito e permite o aprimoramento das ideias ou descobertas. Ela permite ao investigador captar conhecimentos e comprovações teóricas a partir de um tema inserido numa realidade, podendo proporcionar o levantamento de outros problemas para posterior desenvolvimento de outras pesquisas<sup>(11)</sup>.

A presente pesquisa foi realizada com acadêmicos de Enfermagem da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), uma instituição privada de ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade na área da saúde humana.

Foram incluídos no estudo todos os acadêmicos matriculados no curso de graduação de enfermagem, da primeira à oitava etapa, que estiveram presentes na data da aplicação do questionário e aceitaram fazer parte da pesquisa. Seu total chegou a 106 acadêmicos, número que corresponde a 70,7% da população dos acadêmicos de enfermagem matriculados no segundo semestre de 2007 naquela instituição.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Ribeirão Preto, o qual o aprovou, após análise dos aspectos éticos e do seu contexto técnico-científico, com base na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS. O projeto foi analisado e aprovado sem restrição, com registro no Comitê de Ética com o parecer 089/07. Os sujeitos manifestaram aquiescência em participar do estudo através a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para coleta dos dados foi utilizado um instrumento construído pelos pesquisadores e previamente validado por um grupo de professores do curso de Enfermagem da instituição-alvo. O instrumento continha

questões sobre dados sociodemográficos, o conhecimento formal e informal, a fonte reconhecida das informações e a legalidade do uso das TACs pelo enfermeiro.

Os dados, coletados no mês de agosto de 2007, foram digitados em planilhas de cálculo e analisados pelo método da estatística descritiva. Os resultados foram discutidos à luz da literatura da temática em questão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos entrevistados, a maioria (87,7%) era do sexo feminino e tinha idade entre 18 e 25 anos (63,2%), conforme se observa na tabela 1.

**Tabela 1.** Distribuição dos acadêmicos de enfermagem segundo sexo e idade. Ribeirão Preto-SP, 2007.

Idade (n=106)	Masculino		Feminino	
	n°	%	n°	%
18 a 25	5	4,7	67	63,2
26 a 35	4	3,8	19	17,9
>35	4	3,8	7	6,6
Total	13	12,3	93	87,7

A TAC mais conhecida entre os estudantes foi a acupuntura, que apareceu em 34,4% das respostas, seguida pela homeopatia, que foi citada em 11,2% das respostas (tabela 2).

**Tabela 2.** Distribuição das frequências das respostas\* dos acadêmicos em relação ao conhecimento informal das TACs. Ribeirão Preto-SP, 2007.

Quais TAC conhece	Frequência	
	n°	%
Acupuntura	77	34,4
Homeopatia	25	11,2
Reike	17	7,6
Florais	14	6,2
Ervas medicinais	12	5,3
Massoterapia	12	5,3
Fitoterapia	8	3,6
Hidroterapia	8	3,6
Shiatsu	6	2,7
Toque terapêutico	6	2,7
Outras	20	8,9
Nenhuma	19	8,5
Total	224	100,0

\*Mais de uma resposta por acadêmico.

Cerca de 27% dos estudantes referiram ter recebido algum tipo de informação sobre TACs no ambiente acadêmico. Com relação a

informações extra-acadêmicas, verificou-se que os amigos (31,4%) compuseram a fonte de informação mais citada pelos acadêmicos (tabela 3).

**Tabela 3.** Distribuição da frequência das respostas\* dos acadêmicos segundo a fonte de informação das TACs dentro e fora do curso de Enfermagem. Ribeirão Preto-SP, 2007.

Fonte da informação	Frequência	
	n°	%
No curso de Enfermagem		
Em sala de aula	25	23,6
Em outros espaços acadêmicos	4	3,8
Nenhuma informação	77	72,6
Total	106	100,0
Fora do curso de Enfermagem*		
Amigos	44	31,4
Mídia	33	23,6
Familiares	31	22,1
Outros	6	4,3
Sem resposta	26	18,6
Total	140	100,0

\*Mais de uma resposta por acadêmico.

Nas respostas referentes às disciplinas do curso de Enfermagem que abordam TACs os acadêmicos mencionaram duas disciplinas que trouxeram alguma informação sobre o tema: Atividades Complementares, mencionada por 24,5% deles, e História da Enfermagem, citada por 6,6%. Os demais acadêmicos (56,6%) não responderam.

Através da questão relacionada aos conhecimentos dos acadêmicos sobre qual TAC pode ser utilizada legalmente pelo enfermeiro, obtivemos 15,8% dos sujeitos que apontaram o toque terapêutico e a acupuntura (mesma porcentagem para ambos), seguidos de massoterapia e outros com menor frequência (tabela 4).

Ficou evidenciada, dessa maneira, a falta de conhecimento científico dos estudantes a respeito das leis e da regulamentação desses métodos no exercício da enfermagem e da falta de maior divulgação através do COFEN, COREN dessas leis, visto que o Conselho Federal de Enfermagem estabelece e reconhece as TAC como especialidade e/ou qualificação do profissional de enfermagem através da Resolução COFEN-197/1997<sup>(10)</sup>.

Apesar de a Lei de Diretrizes e Bases, que embasa o perfil do profissional de Enfermagem, enfatizar a importância da visão generalista do

cuidado integral, ainda nos deparamos com profissionais da área da saúde com formação predominantemente alopática, reproduzindo-se, dessa maneira o modelo hegemônico biomédico<sup>(12)</sup>.

**Tabela 4.** Distribuição das respostas\* dos acadêmicos sobre quais TACs podem ser legalmente utilizadas pelo profissional de enfermagem. Ribeirão Preto-SP, 2007.

TAC	Frequência	
	n°	%
Acupuntura	60	15,8
Toque terapêutico	60	15,8
Massoterapia	42	11,0
Reike	35	9,2
Hidroterapia	27	7,2
Ervas medicinais	22	5,9
Floraís	20	5,2
Fitoterapia	18	4,7
Reflexologia	18	4,7
Shiatsu	15	3,9
Cromoterapia	15	3,9
Homeopatia	13	3,4
Terapia ortomolecular	8	2,2
Outros	12	3,2
Não respondeu	15	3,9
Total	380	100,0

\*Mais de uma resposta por acadêmico.

O ensino de graduação em Enfermagem se defronta com profundas mudanças na formação profissional diante do desafio de inovar, reformar e transformar práticas hegemônicas na constituição dos sujeitos, com concepções críticas a uma educação que durante muitos anos foi marcada pelo modelo biomédico, centrado nas doenças e excessivamente tecnicista.

A falta de respostas sobre as disciplinas que enfatizam esse tipo de assistência leva a questionar a valorização que é atribuída pelos próprios acadêmicos aos conteúdos relacionados às TACs.

O enfermeiro é um profissional subutilizado pelos sistemas de assistência primária, o que torna necessário divulgar a importância da sua atuação na atenção primária à saúde, em que os procedimentos alternativos se mostram presentes nas comunidades<sup>(13)</sup>.

Sendo assim, é relevante a necessidade de se incluir nos cursos de graduação de Enfermagem informações sobre o uso das TACs e sobre as leis que o asseguram, com a devida valorização dessas práticas pela enfermagem.

Os enfermeiros já estão utilizando em suas

práticas diárias nos serviços de saúde vários tipos de terapias alternativas compatíveis com o paradigma emergente. A adoção de terapias alternativas na assistência à saúde pode favorecer o alcance de resultados no processo saúde/doença, já que os profissionais demonstram respeito, aceitação e interesse em se conscientizar quanto ao uso de procedimentos mais próximos das práticas populares<sup>(14)</sup>.

### CONCLUSÃO

Os dados apontaram que as TACs são pouco abordadas no curso de graduação em Enfermagem e que o conhecimento dos acadêmicos sobre seu uso geralmente é obtido pelo senso comum. Além disso, a maior parte dos acadêmicos desconhece o respaldo legal do COFEN/COREN para o uso desses procedimentos.

Na atualidade, nota-se uma tendência de mudança de paradigmas tanto dos profissionais como dos usuários dos serviços de saúde, fazendo com que as pessoas se interessem cada vez mais por conhecer estes novos métodos de

tratamento e cura e deles usufruir. O modelo biomédico de compreensão do processo saúde-doença vem, cada vez mais, perdendo espaço para outros modelos que ganham a confiança de profissionais e usuários dos serviços de saúde.

Nessa perspectiva, o enfermeiro, ao incorporar o uso de terapias alternativas, amplia seu campo de ação, principalmente em relação às necessidades sociais de saúde, e avança na busca por assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento.

A universidade tem um papel relevante na formação dos profissionais para atuarem com competência nos serviços de saúde pública e privada, cabendo à instituição formadora dar sustentação para o desenvolvimento de uma formação generalista que contemple a integralidade da assistência. É preciso que os acadêmicos tenham acesso a formas alternativas de assistência, de modo que eles possam ampliar o agir social em saúde e conhecer terapias complementares, dado o relevante papel que têm as instituições formadoras na implementação e continuidade do SUS.

---

## COMPLEMENTARY ALTERNATIVE THERAPIES: A VIEW ON KNOWLEDGE OF NURSING STUDENTS

### ABSTRACT

The study aimed to identify the knowledge of nursing students on the use, by nurses, of Complementary Alternative Therapies, especially acupuncture, and the information obtained during the Nursing undergraduate course. It is a prospective and descriptive study carried out with 106 Nursing students from a private university in São Paulo State in 2007. It was used an instrument to obtain the data that contained socio-demographic data, data on formal and informal knowledge, the information source and legality of the use of TAC by nurses, particularly acupuncture. The analysis of responses was performed using single frequency. Data showed that 72.01% were female and 67.90% aged 18 to 25 years. The majority had knowledge about existence of TAC including acupuncture (34.04%). Nursing students stated that some kind of TAC can be used legally by the nurses such as therapeutic touch and acupuncture (15.76%), and mass therapy (11.05%). Data showed that the TAC is scarcely addressed in the Nursing course, and the students' knowledge is achieved by common sense, and the majority does not know the support of National Nursing Council.

**Key words:** Alternative Therapies. Nursing. Curriculum.

---

## TERAPIAS ALTERNATIVAS COMPLEMENTARIAS: UNA VISIÓN DEL CONOCIMIENTO DE LOS ACADÉMICOS DE ENFERMERÍA

### RESUMEN

El presente trabajo tuvo por objetivo identificar el conocimiento de los académicos de enfermería sobre el uso, por el enfermero, de las Terapias Alternativas y Complementarias (TACs), en particular la acupuntura, así como las informaciones obtenidas a lo largo de su curso de graduación en enfermería. Es un estudio descriptivo y exploratorio prospectivo realizado con académicos de enfermería de una universidad privada del interior de São Paulo en 2007. Fueron entrevistados 106 académicos. Para obtener los datos se utilizó un instrumento que contenía datos sociodemográficos, datos sobre conocimiento formal e informal, fuente de las informaciones y legalidad del uso de las TAC por el enfermero, en especial la acupuntura. El análisis de las respuestas fue realizado a través de frecuencia simple. Los datos revelaron que el 72,01% eran del sexo femenino y el 67,90% tenían edad de 18 a 25 años y la mayoría ya tenía conocimiento de la existencia de las TACs, destacándose la acupuntura (34,04%). A respecto del conocimiento de los académicos sobre cual TAC puede ser utilizada

legalmente por el enfermero, los entrevistados respondieron toque-terapéutico y acupuntura (15,76%) y masoterapia (11,05%). Los datos apuntaron que las TACs son poco abarcados en el curso de graduación en enfermería, que el conocimiento de los académicos es obtenido por el sentido común y que la mayoría desconoce el respaldo legal del Consejo Federal de Enfermería.

**Palabras clave:** Terapias alternativas. Enfermería. Currículum.

## REFERÊNCIAS

1. Queiroz MS. O Itinerário rumo às medicinas alternativas: uma análise em representações sociais de profissionais da saúde. *Cad saude publica*. 2000; 16(2):363-375.
2. Trovo MM, Silva MJP, Leão ER. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. *Rev. latino-am. Enfermagem*. 2003; 11(4): 483-9.
3. Luz MT. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. *Physis*. 2005. 15(suppl.): 145-76.
4. Siqueira KM, Barbosa MA, Brasil VV, Oliveira LMC, Andraus LMS. Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais. *Texto e contexto enferm.*, Florianópolis, 2006;15(1):68-73.
5. Yamamura Y. Tratado de medicina chinesa. São Paulo: Roca; 1993.
6. Wen TS. Acupuntura clássica chinesa. São Paulo: Cultrix;1985. Capítulo 1. p. 9.
7. Saraiva KV, XIMENES LB. Terapias alternativas e complementares de toque e imposição de mãos: uma reflexão para enfermagem. *Nursing*. 2004;14(7): 45-48.
8. Haddad ML, Oliveira, MMB, Simões L, Marcon SS. Acupuntura em mães lactantes de recém-nascidos de muito baixo peso: um relato de experiência. *Cienc Cuid Saude*. 2009;8(1):124-130.
9. Ministério da Saúde. Portaria 971. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde; DOU-seção 1; 4/05/2006.
10. Conselho Federal de Enfermagem (BR). Parecer normativo do COFEN nº 004/95. Dispõe sobre as atividades em Terapia alternativa. V.1. Documentos básicos de enfermagem. São Paulo: COFEN; 2001. p.159.
11. Figueiredo NMA. Método e metodologia na pesquisa científica. São Caetano do Sul/SP: Difusão; 2004.
12. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 3/ 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. *Diário Oficial da União*. 2001; set 7; Seção 1:37.
13. Nuñez HMF, Ciosak SI. Terapias alternativas/complementares: o saber e o fazer das enfermeiras do distrito administrativo 71. *Rev. Esc. Enferm. USP*. 2003; 37(3):11-18.
14. Barbosa MA, Egry EY, Queiroz VM. Reflexões sobre a Mudança de Paradigmas e a adoção das Terapias Alternativas no Brasil no século XX. *Texto e contexto enferm*. 1993; 2(2): 33-44

**Endereço para correspondência:** Rejane Ospedal Salomão Gavin. Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, CEP: 14040-902, Ribeirão Preto, São Paulo.

**Data de recebimento:** 15/08/2010

**Data de aprovação:** 12/12/2010